

## **Crítica Diagnóstica das Representações Familiares nos Desenhos Infantis<sup>1</sup>**

Maik Simão dos Santos<sup>2</sup>  
Débora Rodrigues Costa Aleluia<sup>3</sup>  
Juliana Maia Albuquerque Pessoa<sup>4</sup>  
Thiago Soares<sup>5</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

O presente artigo discute a influência do “Incrível Mundo de Gumball”, “Steven Universo” e das “Meninas Super-poderosas”, animações da emissora *Cartoon Network*, na construção de discursos das representações familiares para o público infantil. Através da metodologia de crítica diagnóstica proposta por Douglas Kellner (1995), operacionaliza-se análises dos desenhos, demonstrando o caráter político das obras midiáticas e postula-se que, em diferentes escalas, as três obras em questão apontam para discursos contra-hegemônicos no tocante à família. Promove assim uma discussão, no âmbito infantil, em torno da democratização dos imaginários sobre a família.

**PALAVRAS-CHAVE:** crítica diagnóstica, desenhos animados, família, imaginário, representatividade.

### **INTRODUÇÃO**

A discussão acerca das representações familiares tem ganhado força na atualidade. Enquanto determinados grupos lutam em defesa da constituição tradicional da família, outras diversas formas alternativas de família lutam por reconhecimento. Nesse contexto, o campo midiático tem se apresentado como importante aliado nessa luta, uma vez que é responsável por exprimir os mais diversos discursos e posições a respeito do assunto.

Um importante meio para a produção e reprodução dos discursos se encontra nos desenhos animados, pois, na atualidade, a TV se mostra como fator de socialização e, ao contrário do que é de senso comum, os desenhos animados não são meros objetos midiáticos para entretenimento infantil. Embora o objetivo do desenho animado seja

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: [maikssantos93@hotmail.com](mailto:maikssantos93@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: [rc.debora@hotmail.com](mailto:rc.debora@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: [julianamaiapessoa@gmail.com](mailto:julianamaiapessoa@gmail.com)

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPE, email: [thikos@gmail.com](mailto:thikos@gmail.com)

divertir as crianças, a construção de seus personagens e história refletem as posições sociais tomadas por seus criadores e produtores. Sendo assim, as animações tornam-se palco de uma intensa disputa entre imagens responsáveis por construir o imaginário infantil e moldar suas ações.

Dessa maneira, faz-se importante analisar três desenhos da *Cartoon Network* que acreditamos possuir papel importante na construção dos discursos contra-hegemônicos a respeito da constituição familiar. A primeira é *O Incrível Mundo de Gumball*, lançada em 2011 criada por Ben Bocquelet e produzida em parceria com o *Cartoon Network Development Studio Europe*. O enredo da série gira em torno da família Watterson, com foco em Gumball e seu irmão Darwin, mostrando suas vida e suas inúmeras confusões, no âmbito escolar, da vizinhança ou familiar; nessa análise, será evidenciado o aspecto referente às desventuras no âmbito familiar. A outra é *As Meninas Super-poderosas*, criado por Craig McCracken em 1998 e produzido pela *Cartoon Network*; conta a história de três garotinhas com superpoderes literalmente criadas pelo Professor Utônio. Atualmente, a série passa por um *reboot*<sup>6</sup> de mesmo nome, mas não mais dirigida por Craig; no entanto, mantém os mesmos personagens, os queridos moradores da cidade de Townsville. E por último, *Steven Universo*, série estreada em 2014 cujo enredo retrata um grupo de guerreiras alienígenas, chamadas *Crystal Gems*, que após uma intensa batalha intergaláctica decidem ser defensoras do Planeta Terra devido aos perigos iminentes vindos do espaço. Entre elas estão Garnet, Ametista, Pérola e Rose Quartz<sup>7</sup>. Na Terra, Rose Quartz acaba se envolvendo afetivamente com um humano e juntos eles têm um filho. É em torno desse garoto, Steven, que se desenvolve a história da animação.

### **Crítica diagnóstica**

Douglas Kellner (1995) conceitua crítica diagnóstica como uma forma de analisar obras que fazem parte da cultura da mídia através de uma crítica multiperspectiva, ou seja, uma interpretação política dos objetos midiáticos a partir de diversos pontos, como gênero, discurso e a construção de identidades através das obras midiáticas. Segundo o autor, essa construção ou afirmação das múltiplas identidades é

---

<sup>6</sup> É a utilização da ideia geral do filme, dos conceitos, mas basicamente só o nome é igual, pois não há o mesmo contexto.  
<sup>7</sup> Na tradução literal o nome da personagem seria "Quartzo Rosa", mas na dublagem ela é apenas referida como "Rose".

Decidiu-se então manter o nome em inglês da personagem.

um processo constante em todos os níveis da sociedade, devido à forma como grande parte comunicação atual ocorre por meio das mídias, ou se baseia no que é veiculado nelas.

Nessa perspectiva, podemos discutir sobre como as mídias de massa, na atualidade, obtém um alcance amplo, o que faz com que os produtos da cultura da mídia tenham grande influência sobre os espectadores, em uma proporção semelhante a como esses produtos são influenciados pelos consumidores. As mídias de massa atuais se firmam numa relação mercadológica, o que acaba por fazer com que existam interesses maiores relacionados ao que é veiculado – o que, na perspectiva de Kellner, seriam as relações hegemônicas existentes na mídia; porém como o autor afirma em sua obra *A Cultura da Mídia* (1995), pode haver divergências, que seriam correspondentes à contra hegemonia.

Desse modo, as discussões propostas pelo autor a partir do conceito de crítica multiperspectiva serão abordadas neste trabalho por meio de pontos importantes para a interpretação destas animações, bem como pontos que esclareçam a influência que eles exercem. O que acaba por trazer discussões que divergem da hegemonia, apesar de, em alguns momentos, não ser de forma tão explícita ou concreta.

### **A TV como fator de socialização**

Para que essa discussão se inicie, é necessário abordar a visão da televisão como um agente socializador, pois como veículo de massa, a televisão tem alcance considerável, principalmente durante a infância, através dos desenhos animados. Neste quesito, precisa-se afirmar a comunicação como a base da socialização, juntamente à cooperação e à participação social, como dito por George H. Mead (1973); isso pode resultar na inclusão da televisão no processo de socialização, devido ao modo como tudo que é veiculado nela parte da comunicação. A partir disso, é relevante abordar a forma como parte da socialização, que ocorre por meio da linguagem, é um modo efetivo de moldar os indivíduos às normas culturais da sociedade de que ele faz parte. No caso das crianças, quando incluídas em um grupo social, desde seu nascimento, esse processo de socialização se inicia com o intuito de adequá-las aos diversos costumes do referido grupo, costumes esses sendo constituídos, principalmente, pelos valores, pelos papéis de gênero, pelo ensino da linguagem e pelas habilidades.

Essa perspectiva acaba por firmar os processos mentais de socialização, conceito cunhado de Jesús Palacios (1995), que afirma o que seria a existência em todas as culturas de certas fontes comuns de interação social, adoção de papéis e conflito social. Focando no meio televisivo, pode-se encontrar nele uma fonte em comum para a adequação cultural que ocorre nesses processos, o que faria, no caso, com que as interpretações e assimilações das representações familiares, presentes nos desenhos que serão analisados, fossem feitas baseando-se na adequação ou não aos moldes tradicionais ou não-tradicionais existentes nas sociedades atuais. É dessa forma que torna-se necessário iniciar uma discussão sobre a existência de um caráter positivo da televisão durante a socialização, é de senso comum a visão da televisão como um meio que atrapalha a educação dada pelos pais, portanto, indo contra as normas culturais, porém aqui será dada uma ênfase ao caráter benéfico que esse meio possui. Indo de acordo com essa visão, Catharina Bucht e Cecilia von Feilitzen afirmam:

“Nas pesquisas sobre crianças e a mídia, foram detectadas muitas influências benéficas, muitas vezes provenientes de programas e outros conteúdos direcionados especificamente às crianças, como, por exemplo, os que se referem à intensificação do aprendizado, das capacidades percepto-motoras, da competência social e da tolerância.” (BUCHT e FEILITZEN, 2002, p. 81)

Dessa forma, o foco das análises será a menção à intensificação da competência social e da tolerância, pois nos desenhos da *Cartoon Network* escolhidos, há uma evidencição dessas características, devido à forma como, em alguns aspectos, eles influenciam benéficamente as crianças para uma visão divergente de muitas das visões neoconservadoras atuais que são transmitidas na mídia televisiva. É devido a isso que as relações familiares, com enfoque nas relações de gênero, são um ponto importante a ser retratado pois grupos contra-hegemônicos são representados nas animações fazendo com que as crianças não tenham vivência unicamente com os moldes tradicionais de família.

### **A construção do discurso**

Faz-se importante pontuar que as animações mostram-se como palcos de uma disputa de discursos hegemônicos e contra-hegemônicos. Dessa forma, é necessária a

análise de como esses discursos se formam e quais os objetivos deles na sociedade. Neste quesito, devemos mencionar Antonio Gramsci, filósofo italiano, que conceitua hegemonia como sendo uma conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe sobre as outras. Portanto, a hegemonia não deve ser entendida nos limites de uma coerção pura e simples, pois inclui a direção cultural e o consentimento social a um universo de convicções, normas morais e regras de conduta, assim como a destruição e a superação de outras crenças e sentimentos diante da vida e do mundo (GRAMSCI, 2002b, p. 65). Este processo não ocorre de um dia para o outro; ele é historicamente longo e ocupa os diversos espaços da superestrutura ideológica-cultural. A mídia, quando apoderada pelos grupos dominantes, surge como uma ferramenta de propagação e legitimação de ideologias hegemônicas.

Durante muito tempo, os desenhos animados trouxeram em seu conteúdo representações que pouco divergiam do modelo hegemônico e tradicional de família. O homem ocupando o papel de marido e pai, sendo o provedor da casa, e a mulher de esposa e mãe, relegada a responsabilidades domésticas. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, o movimento de emancipação das mulheres e a luta das comunidades LGBT pela obtenção de direitos civis promove uma reestruturação da sociedade, fortemente refletida no âmbito familiar. A maior inserção da mulher no mercado de trabalho além de promover uma aproximação na relação de poder sobre a renda familiar também demanda mais participação do homem na esfera doméstica. Assim, o homem passa a ter mais participação na formação educacional das crianças. Além disso, a conquista do casamento civil pela população LGBT evidenciou a existência de formações familiares não baseadas no modelo heterossexual de relação afetiva.

Somente nesse novo contexto histórico poderiam emergir discursos contra-hegemônicos sobre a família, pois antes disso não havia um contexto social que permitisse a emergência e circulação de discursos que questionassem ou desconstruíssem o modelo tradicional de família. É o que o filósofo francês Michel Foucault (2008) chama de condições históricas do discurso, onde o discurso só pode surgir porque o contexto histórico permite que ele exista.

No entanto, essa reestruturação não atingiu de imediato a produção infantil como aos produtos voltados para o público adulto. Só mais recentemente é que vimos surgir desenhos animados que rompem com esses modelos, apresentando as ditas "novas

formações familiares". É o caso de animações como O Incrível Mundo de Gumball, As Meninas Superpoderosas, Steven Universo, entre outros. Esses desenhos retratam, mesmo que de forma sutil, formações familiares não tradicionais e transmitindo às crianças valores como o respeito e tolerância às diferenças.

### **O imaginário na construção da representatividade**

Outro ponto crucial na análise dos discursos é a construção do imaginário. Embora o conceito de imaginário seja polissêmico, por ser estudado por diferentes campos científicos, tal tema é visto como relevante no estudo da influência dos desenhos animados na vida das crianças, pois é no imaginário que “as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro[...] O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias e por símbolos, alegorias, rituais, mitos.” (CARVALHO, 1987, p. 11) Nesse sentido, o campo do imaginário, quando compartilhado por grupos sociais, é visto como um campo de enfrentamento político e ideológico, uma vez que cria comunidades de sentido que compartilham entre si interesses, medos, aspirações, condutas e visões de mundo através dos símbolos e mitos. Dessa maneira, faz-se imprescindível a análise do papel dos desenhos animados em questão na construção do imaginário infantil, uma vez que são capazes de configurar novas identidades coletivas.

De acordo com a abordagem estruturalista do antropólogo Lévi-Strauss, há uma certa universalidade na mente humana. Segundo ele, o imaginário é universal, mas não é uma estrutura determinista, pois possui componentes estruturais capazes de gerar diversas combinações e possibilidades, gerando múltiplos significados possíveis. O antropólogo defende que existem elementos invariáveis na mente humana que possuem diversas manifestações e constituem parte do imaginário, como o mito, considerado parte integrante da natureza humana. No entanto, a forma de manifestação mitológica se alterou com as mudanças sociais, sendo hoje expressa também através dos meios de comunicação de massa, em publicidades e até mesmo nos desenhos infantis.

Deste modo, é indispensável pontuar a importância da fantasia no mundo social, pois esta é responsável pela produção de imagens, que podem comportar-se como símbolos ou signos. Estes encontram-se no campo da representação semiótica, possuem uma abordagem mais científica e objetiva, estão relacionados diretamente aos objetos,

formas, imagens concretas e apontam para uma direção única e conhecida; aqueles contêm sentidos afetivos ou arquetípicos, cujas explicações remetem a estruturas do inconsciente. Encontramos no simbólico a reprodução de valores ou ideais que se referem a objetos ou determinadas instituições. Dessa forma, é necessário analisar a natureza da relação social na qual o símbolo é construído, uma vez que o trabalho de apropriação dos símbolos e configuração do imaginário a partir de um objetivo específico, em função de interesses de determinados grupos sociais, permite falar em poder simbólico.

Como dito anteriormente, o imaginário é um campo de enfrentamento político. Isso ocorre devido a existência do poder simbólico, que “não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência ‘real’, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação de símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio” (BACKSON, 1985, p. 299). Dessa forma, os símbolos atuam como legitimação daqueles que exercem o poder, caracterizando-se como uma ideologia quando atua na imposição e legitimação de dominação, servindo a interesses de grupos específicos da sociedade e não a sua totalidade social.

O psicólogo social Serge Moscovici (1981) conclui que a representação é fruto do imaginário, pois, a perspectiva psicológica acerca do imaginário, baseada nos estudos de G. Durand (1997) e C. G. Jung (1924), afirma que o imaginário é constituído por dois polos que estão ligados através da função simbólica: o ideográfico, formado pelos signos, códigos, cultura, normas; e o arquetipal, formado pelas imagens imaginárias, ligados a afetividade, a vivência e a mitologia. É neste último em que se encontra a fantasia dos desenhos animados. Da mesma forma, as representações sociais possuem duas faces, uma simbólica e outra icônica.

Deste modo, o processo de transformação ocorre a partir da racionalização do símbolo. O que antes era uma interpretação imaginária do real passa a ser um signo, inserindo-se e formando um sistema ou discurso racional e unívoco. Segundo o psicólogo, no estudo de uma determinada representação social “precisamos sempre retornar a este elemento de desconhecimento (não familiaridade) que a motivou e que ela absorveu” (MOSCOVICI, 1981, p. 16), pois a construção da representação é dada através de dois processos: a ancoragem e a objetificação. A ancoragem liga o elemento desconhecido e não familiar a uma referência reconhecível através do processo de comparação, julgamento, classificação e categorização, rotulando-o, deste modo

tornando o desconhecido em familiar e atribuindo a ele um sentido. Na objetificação, o conceito é transformado em realidade, associando-o a uma imagem ou combinação que formam um modelo ou “núcleo figurativo”, isto é, “ uma estrutura de imagem que reproduz uma estrutura conceitual de uma maneira visível” (MOSCOVICI, 1981, p. 27). A partir da consolidação do núcleo figurativo, desenvolvem-se os estereótipos e clichês que simplificam a ligação das imagens aos conceitos, até que essa relação seja percebida como natural. Essa construção é feita a partir da visão de mundo e de interesses de determinado grupo social.

Portanto, a ideologia e a representação constituem manifestações do discurso oriundas do imaginário, mas permitem apenas uma interpretação acerca do discurso, impondo uma visão unívoca das relações sociais, refletindo interesses de grupos sociais específicos. Assim, é fundamental a análise dos campos de produção e reprodução do sistema simbólico, o que o presente artigo busca fazer, e o estímulo a criação e recriação do imaginário por grupos contra-hegemônicos, possibilitando a construção de diferentes imagens no inconsciente popular.

### **O Incrível Mundo de Gumball**

A discussão sobre O Incrível Mundo de Gumball se mostra importante devido às formas como a família se mostra “disfuncional” quando comparada às visões tradicionais da formação familiar. Para que se dê início a essa discussão, é necessário discorrer quanto às principais características dos pais de Gumball, que são as personagens mais discutidas nesse momento. Nicole, a mãe, é a provedora; ela mantém a casa por meio de seu emprego como secretária na *Fábrica Arco-íris*. Toda a renda da casa depende de seu esforço pessoal e de seus longos turnos no emprego. Apesar de uma visão não tradicionalista na perspectiva de uma mulher como a única provedora da renda familiar, Nicole acaba por voltar aos papéis de gênero tradicionais quando é observado que os serviços domésticos são responsabilidade dela, o que faz com que ela possa ser vista como uma mãe com dupla jornada, algo comum nas sociedades atuais. Quanto ao pai, Ricardo se assemelha extremamente aos filhos em quesitos de irresponsabilidade e imaturidade, o que acaba por torná-lo disfuncional no “papel de pai”. Não se observa nele qualquer bom senso quanto aos fatos corriqueiros ou à consciência da necessidade de que ele exerça uma função na educação das crianças. A

filha mais nova do casal, Anaís, acaba por se mostrar uma miniatura da mãe; a responsabilidade dela acaba por englobar toda a família em uma papel semelhante, porém em menor proporção, à da mãe. Em relação a Gumball e Darwin, a existência de confusões e problemáticas na maior parte do tempo gira em torno deles. Porém, nessa análise, iremos retratar mais especificamente a forma como os pais são representados no enredo de um episódio específico.

“O Desenho”, décimo episódio da primeira temporada, inicia-se com o Diretor Brown chamando a família Watterson para um reunião na escola com o objetivo de discutir a forma como em um desenho feito por Anaís, nas palavras dele, vê-se uma família que tem problemas.



Figura 1 - Desenho feito por Anaís

Fonte: Cartoon Network

O desenho mostra Nicole completamente focada na limpeza da casa; é dito pelo diretor que ela está “sofrendo com estresse relacionado ao trabalho”, o que dá a entender para os espectadores que é seu trabalho na fábrica e, não somente o doméstico, que acaba por reforçar a dupla jornada que é exibida durante toda a série. Já no caso de Ricardo, Diretor Brown afirma que ele “não é um bom modelo” – o que é senso comum, dada a forma como o personagem se comporta a todo momento. Também é mencionado que Gumball e Darwin “obviamente, estão sem disciplina”. Anaís nesse momento tenta se posicionar, porém é silenciada e escuta que nada disso é culpa dela, mas sim do pai. O diretor culpa Ricardo por todos os problemas retratados no desenho, partindo do princípio de que a solução para tudo é que ele encontre um emprego; nas palavras dele, é preciso que Ricardo pare de relaxar e comece a trabalhar. Já no caso de Nicole, ele sugere que ela faça o contrário, parar de trabalhar e começar a relaxar. Além de incluir os meninos num programa para “canalizar a energia de um jeito menos destrutivo”. A família toda, então, se une para se tornarem melhores para Anaís. Porém vários problemas começam a surgir. Nicole se mostra extremamente inquieta quando separada de sua rotina de trabalho e volta-se para a limpeza da casa de uma forma ainda

mais obsessiva, enquanto Ricardo se mostra completamente incapaz de conseguir chegar ao trabalho. Embora tudo seja retratado de forma cômica, é necessária uma análise crítica desse episódio devido à tentativa de conserto da família Watterson que tem como base uma relação fora de parte dos moldes tradicionais, embora em alguns aspectos esteja tangente a eles.

Um ponto importante a ser ressaltado é que uma forma de chegar a essa constatação seria o conceito de “duplo enredamento” (MCROBBIE, 2006), que pode ser observado nessa série, pois há nela a existência tanto de valores neoconservadores quanto de valores progressistas relacionados a vida familiar e gênero. Fica claro desde o princípio os papéis que serão designados para cada um e, apesar da visão divergente de um patriarca provedor da renda familiar, acabamos por ter o reforço da obrigação, na perspectiva neoconservadora, da mulher de ter uma dupla jornada, na qual todos os afazeres domésticos se limitam a ela.

### **As Meninas Superpoderosas**

Em 2002, numa entrevista para o Jornal Brasil, Craig McCracken, criador d’As Meninas Superpoderosas, afirmava: "Há uma nova forma de feminismo vindo à tona que não tem a ver com reprimir a dimensão menininha da mulher. Tem a ver com a convivência pacífica entre independência e sensibilidade. O desenho consegue dar conta disso de forma muito simples". O desenho, criado em 1998, reflete, como afirma o seu criador, o movimento de terceira onda feminista que crescia na mesma época em que o desenho estava no ar. Responsável por compreender a luta feminina em sua totalidade e peculiaridades, o movimento de terceira onda levou o *Girl Power* como mensagem central, trazendo a ideia que as mulheres podem ser poderosas enquanto continuam sendo "femininas".

Deste modo, o conceito de *girl power* tornou-se cada vez mais ligado a aquisição de poderes, mudando a posição das mulheres da esfera doméstica para a pública, exatamente como ocorre com as três meninas heroínas do desenho animado. Tal mudança no desenho é responsável por reconstruir no imaginário infantil uma imagem de mulher diferente da imagem disseminada pela mídia de massa. Florzinha, Docinho e Lindinha, embora associadas com a fragilidade, rompem com os símbolos comuns de feminilidade das fantasias ocidentais, como a Cinderela ou a Branca de Neve,

personagens femininas que estão sempre em perigo a espera de uma figura masculina que as salve. Dessa maneira, a *Cartoon Network*, de forma didática, ensina a crianças que a esfera pública, dos valores, do heroísmo e da moral também é “lugar de mulher”.

Nesse sentido, o desenho tenta romper com a ideia do "espaço de gênero", uma vez que, simbolizando ainda as reivindicações do movimento feminista de terceira onda, a imagem maternal da mulher é totalmente deslocada, apontando no pai das meninas, o Professor Utônio, os desejos "maternais". Responsável por literalmente criar as meninas, o Professor representa, em conjunto com as Superpoderosas, uma família não tradicional, na qual o pai é responsável pela maioria das atividades domésticas e se sente satisfeito com isso. Além disso, mesmo que as meninas tenham sido feitas poderosas de forma inesperada, em nenhum momento o professor decide mantê-las no ambiente privado, optando sempre por manter-se em casa enquanto as meninas salvam o mundo – diferente do que ocorre em séries de televisão dos anos 1960, como *A Feiticeira* e *Jeannie é Um Gênio*.

Ao longo da série, o Professor Utônio se apresenta como um dos milhares de artifícios que os produtores da *Cartoon* usam para desconstruir a imagem de masculinidade. Utônio se relaciona com diferentes personagens femininas no desenho, mas permanece sempre solteiro, dedicando-se ao lar, muitas vezes se veste de mulher e, acima de tudo, opta por ser pai de três meninas e dedicar-se a esse ofício, se mostrando sempre feliz em estar em casa. Diante de tudo isso, a masculinidade do Professor nunca é questionada, suas atitudes e a das meninas são vistas como normais, os cidadãos de Townsville não os pressionam para que sigam os papéis de gênero.

Exemplificando tais fatos, no quinto episódio da quarta temporada ("Somente Membros") as meninas recebem o apoio do professor para entrar em um clube de super-heróis. No entanto, os heróis tentam inculcar os papéis de gênero nas meninas e na sua formação familiar. Estas, de forma irônica e questionadora, recusam-se a aceitar o que lhes é ensinado, pois difere do que elas vivem e se apresenta como opressão. Os heróis, simbolizando uma estrutura patriarcal, unilateral e conservadora, tentam subjugar as meninas e são intolerantes a respeito de outras formações familiares não tradicionais; no entanto, no final do episódio, eles precisam da ajuda das Meninas Superpoderosas para se livrar de um vilão e nesse processo são transformados pelas meninas.



Figura 2 - Diálogo entre os personagens<sup>8</sup>

Fonte: Cartoon Network

E assim, mais uma vez a infância é salva graças ao Professor Utônio, as Meninas Superpoderosas e aos cidadãos de Townsville, responsáveis por reproduzir um discurso contra hegemônico capaz de promover a liberdade, ampliar a visão sobre o núcleo familiar contemporâneo e ensinar às crianças que o espaço delas é aquele que elas quiserem ocupar.

## Steven Universo

Steven cresceu morando com as *crystal gems* e foi com elas que ele adquiriu suas noções de valores. Ao longo dos episódios, vamos descobrindo que algumas *gems* são bissexuais ou lésbicas, entre elas Pérola e Garnet. Assuntos como homossexualidade tiveram por muito tempo um status de tabu dentro das animações. Parte disso por uma crença ocidental de que não se deve falar sobre sexualidade com crianças, para não as corromper. Steven Universo quebra essa barreira ao trazer em seu texto importantes discussões sobre gênero e sexualidade, mas sempre de forma sutil e sensível. A construção dos personagens também reforça essa posição contra-hegemônica do desenho, ao trazer personagens em papéis que não se espera deles devido ao seu gênero.

O pai de Steven representa uma quebra quanto o papel de gênero por ter atitudes não esperadas de um pai. Bassanezi (2006) diz que, durante os anos 1950, no Brasil, os conceitos de feminino e masculino eram entendidos como inerentes à natureza do homem e da mulher. O homem era reconhecido por sua força, autoridade, ousadia e poder. Quando um homem torna-se pai, espera-se que ele transmita a seu filho valores

<sup>8</sup> - Diálogo das meninas com os heróis:

Herói Major Glória: olha, há certos papéis para homens e papéis para mulheres, certo? Considere sua família, por exemplo. Quem vai trabalhar e traz para casa o salário?/ Meninas: Nosso pai/ Major Glória: Quem lava a roupa?/ Meninas: O pai/ Major Glória: Quem lava os pratos?/ Meninas: O pai/ Herói Ya-Mon: Quem dá banho nas crianças?/ Meninas: O pai/ Major Glória: Então quem corta a grama e lava o carro?/ Florzinha e Docinha: Lindinha!

como a coragem, justiça e determinação. Contudo, Greg age de forma oposta a isso. Quando Steven e Pérola decidem montar uma nave para ir ao espaço Greg incentiva o filho para que não se arrisque tanto e que "está tudo bem caso ele queira desistir".

Ao longo dos episódios, a sexualidade das *gems* e outros personagens ganham espaço na trama animação. Descobrimos que Garnet é na verdade o resultado da fusão entre outras duas *gems*, Rubi e Safira, que de tanto se amarem resolveram se unirem para sempre. Podemos ver de forma evidente a relação entre elas no episódio "*Keystone Motel*" (décimo segundo episódio da segunda temporada), no qual após uma discussão motivada por Pérola querer unir-se a elas, elas acabam por se separar. No fim, ambas fazem as pazes e, após alguns abraços e olhares com ternura (figura 3) acabam retornando à fusão. Pérola é outra personagem que notamos ser bissexual ou lésbica durante o desenrolar da história. Os telespectadores mais atentos podem perceber inicialmente um certo fascínio da personagem em relação a Rose Quartz, e torna-se cada vez mais evidente que o que ela de fato sente é uma paixão reprimida. Também podemos perceber o quanto Pérola parece não suportar a presença de Greg, sente-se desconfortável com ele por perto. No capítulo "*Mr. Greg*" (oitavo episódio da terceira temporada), o pai de Steven resolve levar o filho em uma viagem a Empire City, após ter ganho 10 milhões de dólares por ter vendido uma composição como *jingle*. Steven prontamente aceita e convida Pérola para acompanhá-los. Durante o episódio, Pérola canta a balada "*It's Over, Isn't It?*", na qual discorre sobre como ela e Greg teriam disputado o amor de Rose e agora ela não conseguia seguir em frente.



Figura 3 - Rubi e Safira  
 Fonte: Cartoon Network

Um ponto interessante a se notar é como Steven reage a todos esses acontecimentos e informações que ocorrem a sua volta. O garoto em nenhum momento estranha ou contesta a relação entre Rubi e Safira, nem mesmo quando fica evidente a paixão de Pérola por sua mãe. Para Steven, aquela é a família a qual ele pertence e não

há nada de errado ou anormal com ela. O que os legitima como família são os sentimentos de amor, de respeito e de companheirismo ali presentes. Durante a San Diego Comic Con<sup>9</sup> de 2016, um fã questionou Rebecca Sugar, criadora da série, o que a teria inspirado a colocar temáticas como feminismo e relações LGBT no desenho. Rebecca, que é bissexual, respondeu que apesar de dizerem que esses temas não devem ser compartilhados com crianças ela sente que é necessário para que crianças entendam como elas podem ser amadas independente das diferenças; "É muito importante para mim que falemos sobre consentimento e identidades com as crianças"<sup>10</sup>, disse.

Em tempos em que instituições políticas pretendem invadir o espaço privado do lar e classificar o que seria de fato uma família, Steven Universo traz para as crianças importantes ensinamentos sobre respeito e tolerância. A série mostra que o que define sua posição na sociedade não é seu gênero. E que família é, sobretudo, aquela onde existe amor e companheirismo.

### **Considerações Finais**

A partir da crítica diagnóstica de Kellner, detecta-se que os desenhos analisados são construídos, em determinada escala, por discursos contra-hegemônicos. Vimos, portanto, como a socialização infantil vem sendo modificada por meio das mídias de massa, bem como a construção de discursos que tem sido feita, nos objetos midiáticos analisados, como uma forma de respaldo de diferentes identidades culturais, que acabam por gerar novas formas de representação, não condizentes com os moldes tradicionais das sociedades patriarcais.

Devido a isso, o estudo apresentado neste artigo mostra os diversos pontos que, na atualidade, influenciam para a quebra de posições pré-determinadas e, também, de formações tradicionais nas famílias por meio de desenhos que iniciam esse processo desconstrutivo ainda na infância. Assim, podemos concluir que, diante do grande alcance dessas animações, sua audiência acaba exposta a influências exteriores aos moldes culturais que perpetuam o tradicionalismo na formação da família, e, portanto, rompem com parte dos valores neoconservadores que são fonte em comum de parte das sociedades atuais.

---

<sup>9</sup> San Diego Comic-Con Internacional é uma convenção multi-gênero de entretenimento realizada anualmente em San Diego, Califórnia, Estados Unidos.

<sup>10</sup> Vídeo de onde a fala de Rebeca Sugar foi retirada: <https://www.youtube.com/watch?v=CeZUCQ6sTDQ>

## REFERÊNCIAS

BASSANEZI, C. (2006). **Mulheres dos anos dourados**. In: PRIORI, Mary Del (org). História das mulheres no Brasil. 8ª Ed. São Paulo: Contexto

BORSA, Juliane Callegaro. **O papel da escola no processo de socialização infantil**. O Portal da Psicologia. P. 1-5. Julho, 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>>. Acesso em: 25 de Janeiro de 2017.

BUCHT, Catharina, VON FEILITZEN, Cecília. **Perspectiva sobre a criança e a mídia**. UNESCO. P. 79-90. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127137porb.pdf>>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2017.

DA SILVA, Ricardo Desdério, MAIA, Ana Claudia Bortolozzi. **Sexualidade em produções midiáticas: análise da construção visual, estética e textual do corpo no seriado “Os Simpsons”**. III Simpósio Internacional de Educação Sexual. P. 1-16. 2013. Disponível em: <[http://www.sies.uem.br/anais/pdf/diversidade\\_sexual/3-04.pdf](http://www.sies.uem.br/anais/pdf/diversidade_sexual/3-04.pdf)>. Acesso em: 31 de Janeiro de 2017.

DE MORAES, Dênis. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debates. Porto Alegre, vol. 10, n. 3, P.1-24, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/12420/8298>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2017.

DIAS, Rosângela Hanel. **Linguagem, interação e socialização: contribuições de Mead e Bakhtin**. X ANPED SUL. P. 4-14. 2014. Disponível em: <[http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/539-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/539-0.pdf)>. Acesso em: 29 de Janeiro de 2017.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e Gênero: uma aventura da pesquisa**. EDIPUCRS. P. 157-166. 2008. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=DsXYusTj2J8C&lpg=PA5&ots=tG6iUQy71C&dq=marcia%20rejane%20messa&hl=pt-BR&pg=PA4#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 31 de Janeiro de 2017.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 7 ed. Forense Universitária, 2008  
Grrrrl Punch: “The Powerpuff Girls” empowering show for pre-teen kids. Disponível em: <<https://maaretta.wordpress.com/2011/01/10/grrrrl-punch-%E2%80%9Dthe-powerpuff-girls%E2%80%9D-empowering-show-for-pre-teen-kids>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2017.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

LAPLANTINE, François, TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. Editora Brasiliense, 1997.

MACHADO, Liana Maria Macedo. À margem do elemento X: desconstruindo os (super) poderes das meninas (super) poderosas. **Em tempo de histórias**, nº 7, 2003. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/viewFile/2660/2209>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2017.

SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, ideologia e representação social. **Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, p. 1-12, dez. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/1944/4434>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2017.